

A INCLUSÃO DA POPULAÇÃO NO RITMOS DO FORRÓ DO BEIRADÃO

Maria Dailiana A. de Queiroz Saif

Emanuele Martins Teles

Maria de Nazaré Teles de Lima

RESUMO

O ritmo do beiradão como evento fundamental no interior do Estado e capital, aparece como um movimento dos excluídos pela indústria cultural massificadora e consumista, como uma resistência para segmento populacional contra a cultural homogeneizadora do lazer. Portanto, é possível a existência desse ritmo no mundo homogeneizador do fortalecimento dos lugares no em que se tenta ser globalizado, começando, assim, a emergir diferentes formas de resistência no mundo por uma parte do segmento populacional. Nossa metodologia foi baseada numa pesquisa bibliográfica. Neste sentido, o artigo representa o fortalecimento dos lugares e da resistência dos movimentos sociais.

Palavras – chave: lugar, forró, resistência, população, exclusão

ABSTRACT

The rhythm of the edge as a fundamental event in the interior of the State and capital, appears as a movement of those excluded by the mass and consumerist cultural industry, as a resistance for the population segment against the homogenizing culture of leisure. Therefore, it is possible for this rhythm to exist in the homogenizing world of the strengthening of places in which one tries to be globalized, thus beginning to emerge different forms of resistance in the world by part of the population segment. Our methodology was based on a bibliographic research. In this sense, the article represents the strengthening of places and the resistance of social movements.

Keywords: place, forró, resistance, population, exclusion.

INTRODUÇÃO

A análise espacial é umas das formas de entender a sociedade, apresentando-se diversa em sua composição. Sendo assim, desmonta várias formas de se expressar com a cultura popular nas festas, como no forró do beiradão, incluindo diferentes pessoas de diferentes extratos sociais.

Boa parte das publicações mais recentes sobre comunicação e cultura trata da sedimentação dos novos media nas sociedades contemporâneas, da configuração de uma cultura voltada para o consumo e sua influência na (con) formação das subjetividades e na construção de uma nova sociabilidade em que o indivíduo aparece frequentemente como “descentrado” e “fragmentado”. Ao romper os laços que o vinculam a seus semelhantes no espaço e no tempo e ao deslocar a satisfação de seus desejos para o reino das mercadorias (materiais, simbólicas e virtuais) ele torna mais improváveis suas possibilidades de se constituir como sujeito de sua própria existência. (Mendonça, p. 1, 2001)

É neste contraponto que ressurge a festa popular. E, mesmo sendo excluída à sociedade erudita, ela resiste na homogeneização dos gostos, se opondo ao consumistíssimo cultural demonstrando sua resistência. Por sua vez, aparece o forró do beiradão como manifestação popular, mas não só incluindo como público alvo os interioranos e alguns segmentos populacionais da capital.

As análises reflexivas sobre a Indústria Cultural, mercantilização da cultura e suas interfaces com a formação e a semiformação na sociedade moderna, ainda estão longe de serem dadas por encerradas. Tais relações e suas consequências, na consolidação, ou não, de uma cultura de mercado, precisam ser investigadas a fundo para que se possa compreender o sentido que a contemporaneidade vai dando ao processo formativo e, talvez, chegar a algumas propostas quanto às suas possibilidades de contribuir para uma educação emancipatória. A subsunção induzida dos indivíduos, órgãos e instituições no fortalecimento da sociedade de consumo e a mudança de valores e práticas socioculturais, em grande parte promovida pela mídia, no chamado “mundo globalizado”, requer nossa atenção para que não nos deixemos iludir pelo novo “canto da sereia”. Uma alusão à promessa de felicidade oferecida pela comercialização de bens materiais e culturais, num contexto em que a inserção social do indivíduo depende de sua identificação com os valores e produtos transformados em mercadoria,

cuja necessidade de consumo é imposta pelos apelos da Indústria Cultural. (Silva; Bueno, p. 1165, 2017).

Para Ruben (1992), “com a velocidade da disseminação das mensagens, estão se criando estilos de vida mundializados. Todo esse processo de mundialização da cultura, que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global, acaba repondo a questão da tradição, da nação e da região”. p. 135)

O autor completa apontando que “a medida em que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades” (p. 135).

Renato Ortiz (2000) sugere que o movimento de diferenciação ao redor do mundo não é antagônico ao da globalização: “Padronização e diferença são faces de um mesmo fenômeno. [...]. O local não está necessariamente em contradição com o global, pelo contrário, encontram-se interligados” (p. 181).

Tendo em vista que a existência da cultura popular é resistente, mesmo com a cultura erudita, permanece em função da sociedade ser diversificada, abarcando vários extratos da sociedade, tornando-a plural, mesmo que essa cultura segregada das classes sociais privilegiadas, esse poder da cultura, crie novas formas de interpretar a vida, de uma forma dialética à sociedade e aos eventos existentes no mundo.

METODOLOGIA

Temos a existência desse artigo com duas pesquisas. Uma ocorreu no município do Alto Solimões no município de Tonantins. Pesquisa essa de cunho empírico, buscando-se conhecer o lugar e o envolvimento dos habitantes com a festa.

Segundo Demo (2000), a pesquisa empírica estrutura-se na face fatural da realidade, em busca de produzir e analisar os dados, “[...] procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural”.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, segundo Lakatos e Marconi (2003), “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Assim, partindo-se do princípio de que o espaço geográfico é parte componente da sociedade, pode-se compreender que as desigualdades humanas ocorreram na cultura, sendo esta, portanto, uma construção humana.

E, é neste sentido, que o forró do beiradão representa a alma do interior no qual pode estar embutido no segmento populacional da população da capital, ou mesmo, sendo atrativo para um determinado segmento onde a cultura consumista prevalece nos grandes centros.

O conceito de território foi inicialmente tratado nas ciências naturais, onde estabeleceu a relação entre o domínio de espécies animais ou vegetais com uma determinada área física. Posteriormente foi incorporado pela geografia, que relaciona espaço, recursos naturais, sociedade e poder. Em seguida, diversas outras disciplinas passaram a incorporar o debate, entre elas a sociologia, a antropologia, a economia e a ciência política.

A primeira importante diferenciação conceitual se refere ao espaço e ao território. RAFFESTIN (1993) considera que o conceito de espaço é relacionado ao patrimônio natural existente numa região definida. Por outro lado, no conceito de território se incorporaria a apropriação do espaço pela ação social de diferentes atores. Em outras palavras, o conceito de território incorpora o jogo de poder entre os atores que atuam num espaço. Como resultado desse jogo de poder, se define uma identidade relacionada a limites geográficos, ou ao espaço determinado. O território surge, portanto, como resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente), por isso denominado um processo de construção social. (Flores, p. 4, 2006)

Tendo em vista que a cultura popular emerge no mundo moderno atual, temos uma nova configuração do espaço que repercute em nova organização social mais diversa que, impli implica nas formas de pensar e agir socialmente, abrindo, assim, espaço para o forró do beiradão que, por sua vez, resulta no fortalecimento dos lugares e nessa vivências de seu habitante, até então excluído do mundo burguês.

Emerge no debate geográfico um novo tempo, imaturo ainda para que a dimensão de sua atividade possa ser reconhecida; para que se vislumbre à distância um ruir que anuncia as formulações que agora se engendram. A Geografia se vê as voltas com um refazer de si que é retorno, que é retomada do que deixado fora em nome de uma especialização do saber sob a figura de uma ciência moderna. Hoje, no alvorecer de seu novo dia, mostra a face deformada, uma caricatura de si em que, símbolo do teatro e da comédia, como é sua história, se parte ao meio em duas expressões distintas (Silveira; Vitte, p.38, 2011).

Sendo assim, a cultura popular é parte da diversidade cultural e começa a emergir na parte da população mais abastada socialmente, abrangendo, por

consequente, diferentes extratos sociais que procuram alternativas do lazer na mercadológico.

Notoriamente, o ritmo musical do forró ganha adeptos em função de suas letras fácies, envolvendo a população e seu cotidiano, aproximando, assim, esse ritmo de grande parte da população e fugindo dos grandes circuitos da economia não menos importante, além de ter, visivelmente, a finalidade de incluir segmentos populacionais, até então excluídos da sociedade.

Tendo em vista o evento de forro no beiradão, algumas cidades do interior abarcam esse evento popular para suas populações, nas quais, muitas vezes, a presença de outros segmentos populacionais é recorrente, como os municípes de outras cidades e até da capital.

Abaixo, tabela 01, vemos que as festas populares incrementam a economia dos pequenos municípios, como em Tonantins no Alto Solimões, que movimentam as cidades atraindo diversas pessoas de outros municípios, até mesmo da capital do Estado.

TABELA 1 - Evento municipal do Beiradão de Tonantins

Habitantes do município	50
Habitantes de outro municípios	5
Habitantes da Capital	5
Total de participantes no evento	60

FONTE: Dados da Forro municipal de Tonantins

Como as festas populares constituem os fluxos econômicos nas cidades pequenas, incrementando os seus mais variados setores e integrando suas populações, não precisa ser evento de grande porte, incluindo os cantores regionais e população, podendo ser considerado um setor periférico ou marginalizado por alguns, em função de abarcar extratos da população excluído.

As festas podem ser estudadas pela Geografia buscando revelar as diferentes escalas espaciais com as quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização (FERREIRA, 2003). Podese estudá-las, também, como um fenômeno universal ou local, como expressão de uma dada sociedade, levando-se em consideração as particularidades. Estas são, entretanto, apenas algumas perspectivas de estudos, já que há uma multiplicidade de sentidos em cada evento, podendo ser estudados pela Sociologia, Antropologia, História, dentre tantas outras ciências, cada qual com suas diferentes contribuições. (Oliveira; Calvente. p. 81, 2012)

Ou seja, esses circuitos e econômicos inferiores da população, movimentam cifras consideráveis da economia popular, sendo os mesmos caracterizados com o gosto popular; ou seja, incluindo grande parte da população tendo espaço para o forró do beiradão e seus cantores para o gosto popular.

Diferente do que afirmam alguns pesquisadores, que acreditam no estabelecimento de uma homogeneização da cultura, do sistema de valores, a partir da globalização, Milton Santos concebe que "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (Santos, 1996:273). Para ele, a importância de estudar os lugares reside na possibilidade de captar seus elementos centrais, suas virtudes locais, de modo a compreender suas possibilidades de interação com as ações solidárias hierárquicas.

É no lugar que a cultura vai ganhar sua dimensão simbólica e material, combinando matrizes globais, nacionais, regionais e locais. Mas nem todos pensam assim. (Ribeiro, p.3, s.d.).

O ritmo de resistência popular contra a homogeneização do gosto musical incluindo os diferentes segmentos populacionais nos lugares abastados das grandes festividades nacionais.

Foi a partir dos anos 50 que o vocábulo Forró começou a ser amplamente utilizado no Brasil, em especial por causa da grande migração de nordestinos para o Sudeste e para construção de Brasília. No forró, o sertanejo matava a saudade de sua terra natal e se identificava com suas raízes. Naquela década o ritmo foi um estrondoso sucesso nacional, tendo influenciado a música brasileira, como faz até os dias atuais. Exemplo disto foi a mistura feita por Raul Seixas, na década de 70, unindo o rock com o baião, criando o que chamou de baique. (REBELO, p.2, s.d.).

Tendo uma forma popular de se expressar e lembrando, tabizes locais esse ritmo musical é fundamental para o imaginário geográfico dos migrantes que estão em outros lugares, sendo assim, esse ritmo, sucesso entre as pessoas ou seja um segmento populacional.

Para Tuan (2012), as pessoas têm sua geograficidade e isso remete suas tradições, seu cheiro e lembrança dos lugares, ou seja, acumulam vivências dos ambientes sonoros e dos lugares, daí o resgate dos locais em que estão vivos em suas lembranças.

A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens. A célebre expressão de Vidal de La Blache é bastante conhecida. Mas como essa corrente tradicional abordava o conceito de lugar? O lugar era associado à ideia de região e de localização geográfica. Território e paisagem são os conceitos mais utilizados e referenciados nesta abordagem alemã e isso se deve à preocupação de sua institucionalização como ciência e às questões políticas que se apresentavam naquele momento.

Na Geografia Tradicional, consubstanciada no positivismo e na abordagem descritiva, buscava-se estudar a conexão entre os elementos presentes no meio, utilizando-se do empiricismo raciocinado, ou seja, a intuição a partir da observação (Moreira; Hespanhol, s.d. p.490,

Neste momento. Apresenta-se a importância do movimento popular como o ritmo ouvinte de grande parte do segmento popular e, nesse contexto, encontra-se o forró do beiradão para ressuscitar a alma do interiorano, captando alguns segmentos populacionais da capital em função de sua identificação

E este é o cerne da questão, a resistência do forró do beiradão se movimenta com o fortalecimento do movimento social, como o fortalecimento desse ritmo e do evento se fortalecendo.

O forró é uma expressão cultural musical de origem brasileira que, nas últimas décadas, com a intensificação da globalização cultural e expansão dos meios de comunicação e locomoção, começou a se espalhar por diversos países da Europa, através da música e principalmente da dança.

A globalização, além de facilitar o intercâmbio de diferentes culturas e o processo de imigração, contribuiu profundamente para o crescimento dos movimentos culturais híbridos, possibilitando o aparecimento de comunidades imaginadas, pautadas por escolhas identitárias comuns a um grupo de indivíduos. É nesse contexto que se encaixa o que podemos chamar de Comunidade Forrozeira na Europa, composta de indivíduos que ocupam diferentes papéis sociais: músicos, professores, produtores e consumidores, sendo esse último

grupo formado por alunos, público das festas e compradores de produtos relacionados ao forró. (Lage, p.7, s.d.).

Sendo assim, esse ritmo consegue a resistir a indústria cultural homogênea da cultura baseada no consumismo, em função das lembranças da toponímia dos habitantes que são partes constituintes desse evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A toponímia é forte como fosse a alma dos lugares e seus habitantes que tentam reviver suas lembranças culturais, com ela surge o forró do beiradão captando segmentos populacionais da capital,

Reforçando a ideia da população excluída e sua ação no espaço geográfico heterogêneo, por mais que existam eventos que tentam homogeneizar o espaço com através da atividade cultural reexiste as chamadas rugosidades.

BIBLIOGRAFIA

- FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte, Março 2006, https://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf.
- MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Festas populares hoje: muito além da tradição, NTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação** – Campo Grande /MS – setembro 2001.
- MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL, Revista Formação, nº14 volume 2 – p. 48-60, http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf.
- O brega como manifestação da cultura popular e sua apropriação pelos humoristas da cidade de Fortaleza, LOGOS 49 VOL 25 N 01 PPGCOM UERJ **COMUNICAÇÃO, TERRITÓRIOS E RE-EXISTÊNCIA**, file:///C:/Users/Acer/Downloads/21209-135391-1-PB.pdf.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; Calvente, Maria Del Carmen Matilde Huertas. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico, **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

REBELO, Samantha Cardoso. Mais definições em transito, <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/FORRO.pdf>.

RIBEIRO, Wagner Costa. GLOBALIZAÇÃO E GEOGRAFIA EM MILTON SANTOS, http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiro pedagogico/recursometo d/5707_miltonsantos.pdf.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SILVA, Dalila Naiara Costa Henrique da. MIGRAÇÃO, MÚSICA E LUGAR: IDENTIDADE TERRITORIAL REPRESENTADA PELA CULTURA MUSICAL DO MIGRANTE INTERESTADUAL EM MANAUS, **Dissertação**, MANAUS/AM, 2018.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da; BUENO, Sinésio Ferraz. Industria Cultural e Mercantilização da Cultura como Projeto de Transformação da Educação da Infância Moderna, **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1164-1181, out./dez. 2017.

SILVA, Eliane Maria da; OLIVEIRA, Karolliny Emanuely Souza de; BRUTSCHER, Volmir José. A IMPORTÂNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS DEMOCRÁTICA, https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD 1_SA105_ID2411_28072021175239.pdf.

SILVEIRA, Roberison Wittgeinstein Dias da; VITTE, Antônio Carlos. A EMERGÊNCIA DE UM NOVO SABER GEOGRÁFICO: O RETORNO DA CIÊNCIA À FILOSOFIA, **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 23 (1): 37-49, abr. 2011.

LAGE, Regiane Sales. VIVER (D)O FORRÓ: CULTURA E PROFISSIONALIZAÇÃO, <https://run.unl.pt/bitstream/10362/22122/1/TESE%20Regiane.pdf>

TASCHNER, Gisela B. LAZER, CULTURA E CONSUMO, **RAE - Revista de Administração de Empresas**, Out./Dez. 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.